

VIDA-(E)-TEXTO, MOVIMENTOS (IN)FINITOS

Artur Rodrigues Janeiro¹

*Nunca recusei à minha fecunda e elástica
imaginação os mais rigorosos procedimentos de
pesquisa.*
Salvador Dali

*Chegou o instante de aceitar em cheio a misteriosa
vida dos que um dia vão morrer.*
Clarice Lispector

Advertência

Vou contar, revelar logo menos a(o) leitor(a), que este texto é uma experimentação. É, também, um estudo que, neste caso, explora ensaios de (uma mesma) escrita, de exposição de pensamentos que se emaranham por entre literatura-e-ficção-e-vida-e-escrita-e... . Desejo que seja entendido por “ensaio” a possibilidade de começos e recomeços, de idas e vindas, voltas que nem sempre chegam onde se esperava chegar. Esperas que também nem sempre volteiam.

Se pensada uma técnica, talvez, uma “estratégia” de produção textual, deste texto, pode-se encontrar que aqui, para esta aventura-(da)-escrita, adotamos/produzimos aproximações, semelhanças, com os apontamentos que o filósofo Gilles Deleuze faz sobre Samuel Beckett.

Beckett levou ao mais alto grau a arte das disjunções inclusas, que já não seleciona, porém afirma os termos disjuntos através de sua distância, sem limitar um pelo outro nem excluir o outro do um, esquadrinhando e percorrendo o conjunto de toda possibilidade. [...] Diferente dos procedimentos de Luca, o de Beckett consiste no seguinte: ele se instala no meio da frase, faz a frase crescer pelo meio, acrescentando partícula a partícula (*que desse, esse isso aqui, longe ali lá longe quase quê...*) para pilotar um bloco de um único sopro que expira (*queria crer entrever quê...*). (DELEUZE, 1997, p. 126)

Além disso, optou-se por parágrafos relativamente extensos em relação ao desenvolvimento das ideias neles presentes. Apesar disso, a/o leitor(a) notará que os parágrafos estão compostos por orações que em sua maioria são curtas – tratam-se de ramificações encadeadas de ideias, de muitas aberturas-possibilidades de/a pensamentos-outros. Assim, prezada/o leitor(a), perca-se.

Convite à/ou tentativa primeira

Ali, na curva do rio, na quebrada da esquina, no descompasso da espera, da esperança(!), também da surpresa, na propulsão do choro ou do riso, nas dobras do possível, nas desdobras impossíveis de tudo, nas propriedades do nada, nas redobras ao infinito, na duração do silêncio, no também, no ou e no aqui, parece habitar um texto, por vir, vindo, parece haver vida, vinda do, vinda da... deste movimento. Vida e texto em movimentos, movimentação. Vida, “palavra linda, orgânica, sestrosa, pleonástica, espérmica, duróbila” (LISPECTOR, 2013b, p. 13). Texto,

¹ UNESP, campus de Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: artur.janeiro@gmail.com.

“todo atravessado de ponta a ponta por um frágil fio condutor – qual? o do mergulho na matéria da palavra? o da paixão? Fio luxurioso, sopra que aquece o decorrer das sílabas” (LISPECTOR, 2013a, p. 51). Este escrito, este texto, é um ensaio de vida. Num ensaio, o que se ensaia é uma encenação; encena-se algo a ser apresentado, ensaiando-o. Eis uma quase obviedade, dessas que se voltam para uma apresentação que se apresenta, para uma encenação encenada e, no entanto, para uma verdade oculta. Neste caso, encenam-se ideias, pensamentos inéditos. O “como?”, ao menos um possível, se volta ao pensar “estilo”, como “parte obscura, ligada aos mistérios do sangue, do instinto, profundidade violenta, densidade de imagens, linguagem de solidão na qual falam, cegamente, as preferências de nosso corpo, de nosso desejo, de nosso tempo secreto e fechado a nós mesmos” (BLANCHOT, 2005, p. 301). Por isso mesmo, o estilo, aqui, se volta à estratégia, sedução; talvez a técnica, não somente em conceito, também esteja embrenhada estrategicamente. Experimentação. Primeiro fim. Continuar esta escrita deveria recorrer à realização de um novo parágrafo, no entanto, o que fazer com esta incerta teimosia, teimosa insistência? Persistência? Ilusão dinâmica do estático. O que fazer? Qual próxima palavra? Ponto? Por que (re)começar?

Tentativa segunda

Embaraçar palavras e embaçá-las. Começo, recomeço, mas também continuo. Salvador Dali teve um diário que ganhou, inclusive, título. Hoje, “Diário de um Gênio” não é mais um diário. Tornar-se livro livrou-o e, com isso, borram-se conceitos de escrita, conceitos na escrita da escrita. Mesclam-se forma e/com conteúdo, gêneros também. Novamente, conceitos. “Chafarrinada, chafarrinada, chafarrinada, [...]”, repete Dali (1989, p. 188) por quatro vezes. E eu, também. Ou quase. Conheço todo o livro e nada me garante que a/o leitor(a) também. A repetição, então, salutarmente entra em crise.

[...] nessa relação da linguagem com a sua infinita repetição uma mudança se produziu no fim do século XVIII – quase coincidindo com o momento em que a obra de linguagem se tornou o que ela é agora para nós, ou seja, literatura. [...] O espelho ao infinito que toda linguagem faz nascer assim que ela se insurge verticalmente contra a morte, a obra não o tornava visível se rechaçá-lo: ela colocava o infinito fora dela mesma – infinito majestoso e real do qual ela se fazia o espelho virtual, circular, rematado em uma bela forma fechada. (FOUCAULT, 2009, p. 52)

Além disso, a supressão que sucede a “chafarrinada” guarda em si um misterioso que cair nas malhas de um por vir, reticência alguma será capaz de indiciar com certezas quaisquer a sua profundidade imaginativa. “Quatro ou três vezes?” passa a ser um questionamento desnecessário, uma vez que com ou sem o “também”, eis que surge o “quase” de onde as diferenças emergem e se lançam. Para onde? Aos mundos do mundo. Nem o surrealmente mencionado borrão [chafarrinada] é o mesmo – visto que uma única escrita não bastou. Assim, estou borrando a(s) intenção/ões desses borrões, suas fronteiras intencionais, transitando nessa noite, nesse obscuro tempo(-conceito) de diferenças e repetições. Turvando-me com literatura e filosofia, não sei se deveria citar Deleuze (2006) ou Jorge Luis Borges (1982) para o “luar” anterior, de *différence et répétition*. Turvado, o autor se reconhece neste texto que também se debruça sobre si mesmo? “Turbulenciado”, o autor sabe onde está? e onde está/estão a(s) dobra(s) desse deleitoso debruçar? ele, autor, deseja saber? deseja dizer? Essa noite é alta!

Um ou outro vaga-lume tornava mais vasta a escuridão. [...] Suspirou com cuidado e finalmente olhou em torno. A noite era de uma grande e escura delicadeza. [...] O que o guiava no escuro era apenas a própria intenção de andar em linha reta. [...] Só descobriria aonde se delineava o horizonte quando o dia raiasse e dissolvesse as brumas. Como a escuridão ainda se mantinha tão colada aos olhos inutilmente abertos, terminou por [...] (LISPECTOR, 1992, p. 5-8)

... questionar: esta “tentativa segunda”, então, (não) seria uma repetição? Esta experimentação é da ordem da imprecisão e da imprevisibilidade, por isso mesmo, nega-se enquanto ordem alguma. Objetiva-se tal alcance-negação com esta produção. Ela escapa; ela *é* o que escapa e o *quê não é* por poder estar desconhecida. Ela, assim, pretende ser uma escrita que opera sobre uma automanutenção de esvaziamento próprio. Esta experimentação-escrita, fragmentável, fragmentada, se revela feito agrupamento de detritos. O espaço-volume intersticial (de “vazio”) não é, então, maior do que o granular-letrado? Também, “detrito-me” se possível (verbo). “Detritus”, de Samuel Beckett (1978), com sua “Das posições”. No entanto, falaria (em) deposições, sobre os lugares em que a vida (o)corre, escorre, trépica, quica, nem sempre – quase nunca – tranquilamente. Neste texto, por exemplo. Acompanhar, ao menos tentar, esses saltos, estes saltos entre orações, consiste numa tremenda aventura à imaginação do/a leitor(a). “O ‘salto’ é imediato, mas o imediato escapa a toda verificação. Sabemos que só escrevemos quando o salto foi dado, mas para dá-lo é preciso primeiro escrever, escrever sem fim, escrever a partir do infinito” (BLANCHOT, 2005, p. 305)

Imagino se tivesse dito-as [as deposições]. Mas, e agora, se desejar dizê-las? Refaço(-me). Chamo a/o leitor(a) de volta. No entanto, já disse que “falaria” e que, por isso mesmo, não disse. Novamente, então, necessito terminar, ao menos fechar este ponto da escrita antes que este novo incomodo, essa mudança/ajuste de rota, aflore ainda mais. Portanto, não mesmo fim, embora pensá-lo “outro” e “novamente” em proximidade mútua não me situe em harmoniosa vizinhança. (Re)experimenta(n)do, fim.

Tentativa terceira

Grãos de areia. Grãos de letras. Letras-grãos. Palavrão de palavrinhas. De grão em grão, deposição de vida, movediça. Terceira vez em que a vida insiste em escapar, fugir. “Movediça” é a imprevisível palavra da vez. Se pudesse não teria colocado-a. Se a enfrentasse, remover-lhe-ia para nem mesmo ter trazido tal mesóclise. No entanto, movediça que a vida é, teria como, ser vivo que sou, não ser movediço também? Hei de me compreender fundido neste e a este objeto-objetivo em... .

Olhado novamente e mais uma vez de forma semi-inconsciente, com a mente que pensava em algo mais, qualquer objeto se mistura tão profundamente ao conteúdo do pensamento que vem a perder sua forma verdadeira e se recompõe de modo um tanto diverso numa forma ideal que assombra o cérebro quando menos se espera. (WOOLF, 1992, p. 98)

Eu, autor, não-John – o personagem de “Objetos sólidos”, de Virginia Woolf –, mas sim, o “dispositivo”, por vezes opaco, por vezes translúcido, que desencadeia todo o desenvolvimento do conto, as ações de John, seu viver. Eu, enquanto reverberação infinita de sentidos que, por vezes e inclusive, são contraditórios. A partir disso, ao nível de proporcionar uma melhor compreensão, Eu, também,

[...] uma gota pesada de matéria sólida – e aos poucos desalojou um grande cubo irregular e o trouxe à tona. Desprendendo a camada de areia, apareceu um matiz verde. Era um pedaço de vidro, espesso a ponto de parecer quase opaco; o macio atrito do mar desbastara quase por inteiro qualquer ponta ou forma, de modo era impossível dizer se ele fora de uma garrafa, copo ou vidraça; apenas um pedaço de vidro, quase uma pedra preciosa. Bastaria prendê-lo num aro dourado, ou perfurá-lo com um arame para que se transformasse em jóia [...] (WOOLF, 1992, p. 97; grifos meus)

Eu, essa indefinição vítrea de matéria, também solidamente líquido, volátil, pois sustentavelmente efêmero; matiz de instantaneidades, instantâneo “objeto compacto, concentrado, definido em relação ao mar ambíguo e à nebulosa praia” (WOOLF, 1992, p. 97) – recônditos do mundo, zonas de contato, de precisa imprecisão. Repito, em meio a estas palavras *in* tensão: “hei de me compreender fundido neste e a este objeto-objetivo em...” movimentos, aberrantes movimentos que

[...] nos *arrancam* de nós mesmos, segundo um termo que retorna com frequência em Deleuze. Há algo “forte demais” na vida, intenso demais, que só podemos viver no limite de nós mesmos. É como um risco que [...] ela permite atingir, ver, criar, sentir através dela. A vida só passa a valer na ponta dela própria. *Quid vitae?* (LAPOUJADE, 2015, p. 22)

Respondo: de vidro, “vidramento”, objeto cortante, que faz sangrar, aflorar o pulsar; de vidro, objeto polido, gema-gota de areia, livramento. Também de mar e dos seus turbilhões: mar-areia, “marareia”, maresia, este natural aerossol (textual). De pulverizações-outras: sólido-fluido, de fluidez que escapa ao controle dos vivos enquanto a Vida não escapa ao pó, energia; vidro feito palavra, estilhaço contornado, sutil. De cacos, de (des)continuidades não somente de (um) si. Fissuro... Debruçando dúvidas sobre a relação do compacto-concentrado com o descompact(ad)o-des(con)centrado. Fraturam-se as palavras em vários eixos de núcleos periféricos. A leitura, de toda a escrita aqui presente/proposta/produzida, oscila.

Des-contínu’ação à terceira

... feito feixe de luz que irrompe na escuridão. Ardor. Não se trata de uma lógica vã de uma mera confusão de sentidos de e entre palavras. A nitidez é de alguma importância não primária. Não é necessário retomar/retornar os/aos borrões. Aqui, eis uma escrita-borrão, uma correspondente à técnica artística empregada por Diego Velázquez em seu quadro *Las Meninas* (1656), por exemplo. No entanto, se há uma iluminação que incide, há de ocorrer uma sombra que se projeta. Ações: “vida [que] procura ganhar da morte em todos os sentidos da palavra ganhar, e em primeiro lugar, no sentido em que (...) joga contra a entropia crescente” (CANGUILHEM, 2009, p. 107). Dizer que o texto vive, então, é jogar com organizações de diferenças, de diferenciais, logo, constantes auto-desorganizações.

À margem de dois movimentos ou à guisa de *in*-conclusão

Das margens onde habitam os fôlegos, suspira-se, não desconfortável, mas insustentavelmente a permanência da/na existência. Questão de duração.

Que falar, escrever, que as exigências contidas nessas palavras devam cessar de convir aos modos de compreensão exigidos pela eficácia do trabalho e do saber especializado, que a fala possa não ser mais indispensável para entendermo-nos, isso não indica a indigência desse mundo sem linguagem, [...] (BLANCHOT, 2005, p. 297)

mas, sim, a não compreensão do silêncio enquanto expressividade, ainda que muda, se preferirem; ainda que, por exemplo, expressão indiciária, vestígal. Semelhantemente, eis pistas de vida que somente um morrer cotidiano, que somente o ponto a ponto final, o linha após linha, pode nos conduzir a pensar, refletir – num movimento, "movitempo", em que vida e morte se miscigenam em mesmo invólucro de misteriosa indiscernibilidade. Nem começo, muito menos fim. Silencioso não-escrito do além-ponto.

Referências

BECKETT, S. **Detritus**. Trad. Jenaro Talens. Barcelona: Tusquets Editores, 1978.

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGES, J. L. Heráclito. In: _____. **Nova antologia pessoal**. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: DIFEL, 1982.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Trad. Maria Thereza R. de C. Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

DALI, S. **Diário de um gênio**. Trad. Luís Marques; Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

DELEUZE, G. Gaguejou... In: _____. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. 2006.

FOUCAULT, M. A linguagem ao infinito [1963]. In: _____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

LAPOUJADE, D. **Deleuze, movimentos aberrantes**. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LISPECTOR, C. Água viva. In: _____. **As palavras: nada têm a ver com as sensações**, [...]. Rio de Janeiro: Rocco, 2013a.

LISPECTOR, C. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

LISPECTOR, C. Um sopro de vida. In: _____. **As palavras: nada têm a ver com as sensações**, [...]. Rio de Janeiro: Rocco, 2013b.

WOOLF, V. Objetos sólidos. In: _____. **Objetos sólidos**. Trad. Hélio Polvora. São Paulo: Siciliano, 1992.